

EDITORIAL

Fiel ao seu objectivo de lutar contra a falta de liberdade, e por isso de verdade, da imprensa portuguesa, DIREITO A INFORMAÇÃO não pode deixar de levar ao conhecimento dos seus leitores algumas notícias relacionadas com a recente vinda de Paulo VI a Fátima.

Não se pretende de modo algum com este número julgar os actos do Papa, nem sequer a maneira como se desenrolaram as diversas cerimínias. Pretende-se unicamente divulgar aquilo que em Portugal foi proibido: reacções da imprensa estrangeira ao anúncio da viagem e ecos sobre a forma como a mesma decorreu, incluindo artigos de jornais, tomadas de posição de grupos de católicos e não católicos, tanto portugueses como estrangeiros.

Consideramos muito importante que as notícias transcritas sejam conhecidas, na medida em que revelam a preocupação crescente que se verifica pelos problemas do nosso país, e na medida também em que põem em relevo o flagrante contraste entre o pensamento e o sentir da Igreja e a triste realidade de um país que se diz "fidelíssimamente" católico.

Um poder treinado em 40 anos de maquiavelismo político conhece bem os recursos dos meios de comunicação e os métodos de encenação das manifestações públicas para, simulando uma comunhão com as intenções do Papa, as desvirtuar habilidosamente, na linha que tem sido bem explorada da utilização da Igreja para os fins do regime.

A perversidade do processo faz ocultar a muitos que as encíclicas, discursos e intervenções de Paulo VI e os documentos do Vaticano II são a condenação do que se passe em Portugal: manutenção de estruturas anacrónicas que nos amarram ao subdesenvolvimento; falta de liberdade de expressão e de associação; perseguição aos que se esforçam pela renovação da Igreja; exílio, não só de sacerdotes e do Bispo do Porto, mas de uma legião de patriotas que há várias gerações têm sido escurraçados do seu país; manutenção de guerras coloniais, com criminosa recusa à negociação e ao diálogo; instauração de um clima generalizado de medo e de cepticismo; utilização de métodos de repressão odiosos contra os oposicionistas mais corajosos, o coberto do alheamento ou do apoio tácito do poder espiritual.

Os que apreguam o epíteto tão anti-conciliar de "Nação Fide-



líssima" calcam aos pés o Evangelho, mesmo quando o Papa lhes distribui cumprimentos benevolentes ou condecora os seus serventuários.

Se D.I. contribuir para que cada vez mais cristãos sinceros vejam isto, terá cumprido a missão que se impôs.

EMOÇÃO DE CATÓLICOS PORTUGUESES A PROPÓSITO DA VIAGEM DE PAULO VI A FÁTIMA

("Le Monde", 9/5/67)

Lisboa, ... de Maio - O anúncio da próxima viagem de Paulo VI a Fátima provocou uma grande emoção em certos meios católicos portugueses, nos quais se recorda que vários padres de Angola foram transferidos para Portugal, onde são submetidos a uma estranha pena de prisão ou de "residência fixa". Estão, por ordem das autoridades civis, em casas religiosas cujos superiores são encarregados de garantir que eles não se dedicam a nenhuma actividade "ilegal".

CATÓLICOS ESCREVEM A PAULO VI

("Témoignage Chrétien", 11/5/67)

Um grupo de católicos portugueses emigrados, cujos nomes calharemos por razões de segurança, dirigiu uma carta aberta a Paulo VI para lhe afirmar que teve conhecimento da sua próxima visita a Fátima "na consternação e no sofrimento".

Os signatários exprimem "o sofrimento indizível dos católicos que apodrecem nas prisões da PIDE (polícia política)" e da "dezena de padres angolanos que, sem culpabilidade estabelecida, estão há seis anos com residência vigiada em Portugal".

"Não sabeis vós", perguntam ao Papa os signatários, a propósito do episcopado português, "que o seu silêncio cauciona o regime que se serve impunemente do nome de Jesus Cristo para manter o povo submisso, para fazer a guerra em Angola, em Moçambique e na Guiné?"

"Não sabeis", acrescentam, "que Fátima é o centro mais poderoso de uma pastoral integrista oposta às grandes linhas do Concílio, de uma pastoral religiosa nacionalista, que procura manter o povo na alienação dos seus direitos e da sua dignidade, o centro de uma propaganda simultaneamente sentimental e religiosa a favor da guerra colonial, sob a forma de pregação e de oração? O centro, também, de uma propaganda anti-comunista com motivos como o da conversão da Rússia, que, entre nós, só serve para justificar a repressão de qualquer oposição política e de todas as reivindicações económicas e sociais?"

Em conclusão, os signatários perguntam se "Populorum progressio é um compromisso da Igreja na causa dos pobres... ou se, nas situações de facto, são as oligarquias católicas que continuarão a ser protegidas".

A PEREGRINAÇÃO DE PAULO VI SUSCITOU RESERVAS NO CONGO KINSHASA (*"Le Monde*, 7 e 8/5/67)

Kinshasa, 6 de Maio (A.F.P.) - Na 6ª feira de manhã, dois quotidianos de Kinshasa exprimiram reservas quanto ao projecto da viagem do Papa Paulo VI a Fátima.

O "*Courrier d'Afrique*", jornal considerado bastante próximo dos meios católicos da capital congoleza, escreve que "a próxima viagem de Paulo VI a Fátima provoca o descontentamento dos movimentos de libertação das colónias portuguesas de África". Além disso, o jornal pergunta-se se esta viagem constitui um "apoio à política africana de Portugal" ou uma "tática política do Vaticano", acrescentando: "Sua Santidade terá de escolher".

O "*Progresso*", quotidiano pró-governamental, sublinha, por sua vez, num editorial, "a amarga decepção que esta viagem vai criar, sobretudo em África, onde, cada vez mais, o cristianismo recua perante o islamismo".

"É certo, escreve, que a prostração do chefe da Igreja romana diante da estátua de Fátima não dará nenhuma caução moral à clique de Salazar. Mas, nos olhos de muitos países, ela pagar-lhe-á os direitos de alfândega, pelo menos parcial e provisoriamente. E serão numerosos os Estados, a começar por Portugal, que verão nisto uma autorização tácita para continuar a política de racismo".

NOSSA SENHORA DA GUERRA FRIA

(Douglas Brown, em "*The Sunday Telegraph*", 7/5/67)

O actual Papa recebeu o Chefe de Estado soviético. Agora, não basta aos cristãos fazerem penitência pelo comunismo: eles são convidados a procurarem entendê-lo.

Assim, se o Dr. Salazar não mudou, o Papa mudou (...).

O conjunto das encíclicas de João, com as suas implicações anti-colonialistas, foram censuradas em Portugal e agora Paulo vai, não para condenar a guerra fria mas para pedir paz no Vietnam, como um aliado de U Thant, que é localmente detestado.

OS MOVIMENTOS NACIONALISTAS DE ANGOLA E DE MOÇAMBIQUE REACTAM
 ("Le Monde", 5/5/67)

Argel, 4 de Maio (A.F.P.) - A decisão do Papa Paulo VI ir a Fátima a 13 de Maio provocou um grande descontentamento nos movimentos de libertação das colónias portuguesas em África. Os protestos são tanto mais vivos quanto a designação de um legado a latere para as festas do cinquentenário das aparições tinha sido interpretada como uma recusa elegante do Vaticano ao convite português.

Um representante da Frente de Libertação de Moçambique em Argel (Frelimo), José César Monteiro, declarou à imprensa: "Apesar do carácter breve e privado que o secretariado de Sua Santidade previu oficialmente para esta visita, ela nunca poderia ter para nós senão o carácter ofensivo de um apoio à política portuguesa..."

Passando por Argel, em 2 de Março, o presidente da Frelimo, Eduardo Mondlane, tinha anunciado que tencionava intervir junto de chefes de Estado africanos e do primeiro cardeal africano, Mons. Rugambwa, para o Papa não ir a Fátima.

Por outro lado, Johnny Eduardo, delegado em Argel do governo revolucionário de Angola no exílio, falou da "caução moral que o Papa dará ao regime mais desumano e mais irreligioso, visto que Paulo VI não ignora o número de padres presos, torturados e assassinados pelo governo de Salazar".

Mário de Andrade, presidente da Conferência das Organizações nacionalistas das colónias portuguesas, precisou, por sua vez, que "uma dezena de padres de Angola estão detidos nas prisões portuguesas desde 1960 e que muitos católicos de Moçambique e de Angola pagaram com a vida o compromisso nas fileiras nacionalistas".

PROTESTO DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE PORTUGAL

--- ("Le Monde", 9/5/67)

Argel, 8 de Maio (A.F.P.) - A Frente Patriótica de Libertação Nacional de Portugal em Argel enviou um telegrama a Paulo VI para lhe pedir que intervenha em Fátima "a favor da vida e da liberdade dos presos políticos portugueses e da extinção dos campos de concentração coloniais".

O texto também implora ao Papa que peça ao governo de Salazar "a liberdade religiosa e a liberdade civil no espírito do Concílio Ecuménico, a cessação das medidas policiais contra os padres nacionalistas angolanos com residência fixa em Portugal", o regresso a Portugal do Bispo do Porto, Mons. Ferreira Gomes e o direito à independência dos povos de Angola, Guiné-

-Bissau e Moçambique.

Por sua vez, El Moudjahid, órgão do governo, lamenta a decisão pontifícia sob o título: "O Vaticano tenta minimizar a projecção da viagem do Papa Paulo VI a Portugal".

UM GRUPO DE PORTUGUESES PEDE AO PAPA QUE NÃO ESQUEÇA AS VÍTIMAS DO REGIME DE SALAZAR ("Le Monde", 10/5/67)

Um grupo de democratas portugueses residentes em França dirigiu uma declaração a Paulo VI, na qual se inquieta com a exploração que o governo português fará da viagem do Papa a Fátima. Reconhecendo "que Vossa Santidade não tem de modo algum a intenção de conceder com esta viagem uma caução ao regime de Salazar (os signatários) ousem esperar que Ela não esquecerá aqueles que, em Portugal e nas colónias portuguesas, sofrem ou morrem por amor da justiça..."

Assinado: Ramos da Costa, Andrade Silva, Jorge Reis, Fernando Morgado, Zulmiro Almeida, Espírito Santo, Maria Lamas, Víctor Ramos, Veiga Pereira, Leite Faria, Lopes Cardoso, António José Saraiva, Eleutério Gervásio, Silas Cerqueira, Maria Amélia Padez, Magalhães Vilhena, José Norberto, José Escada.

PROTESTO DO GOVERNO ARGELINO ("Le Figaro", 15/5/67)

Argel, 14 de Maio (A.F.P.) - O governo argelino teria decidido fazer um protesto junto do delegado apostólico da Santa Sé em Argel contra "a caução moral que traz ao regime de Salazar a viagem do Papa Paulo VI a Portugal" e a sua contradição flagrante com os princípios da última encíclica Populorum progressio (...)

Num comentário, "Algérie Presse Service" declara que "é verdadeiramente lamentável que os únicos grupos que o Papa convidou a pensar na paz sejam aqueles que mais a procuram e que não têm outros meios para a conquistar sem ser a luta armada".

Além disso, acrescenta "Algérie Presse Service", "apesar da gravidade da ameaça que a agressão americana no Vietnam faz pesar sobre a paz mundial, ela não é mencionada, nem lhe é feita nenhuma alusão".

"Além de Salazar, Paulo VI não deixou de dirigir, à passagem, uma mensagem muito amigável a esse outro ditador que é Franco!"

A PROPÓSITO DE UMA PEREGRINAÇÃO

(J.-M. Doménach, em "Le Monde", 7 e 8 de Maio de 1967)

Porque é que o anúncio da viagem de Paulo VI a Fátima me faz sofrer tanto? (...)

As autoridades de Lisboa só tomam, do papado, aquilo que lhes convém. Quando uma encíclica lhes desagrade, deixam-na cair no silêncio ou chegam a proibir os jornais de a citarem. É este o paradoxo: Paulo VI vai a um país onde as suas palavras são oficialmente censuradas.

Percebe-se bem, portanto, o que é que pode dar a esta viagem um sentido ambíguo. Não só o governo do Dr. Salazar é um dos mais retrógados do mundo, mas ele pretende apoiar a sua doutrina e a sua política na autoridade da Igreja. Gomulka não se diz católico. Mas este governo que pratica uma repressão atroz com uma das polícias mais organizadas que existem, protege-se com princípios cristãos; pretende defender pela violência a "civilização católica" e faz em nome de Cristo uma guerra em três países de África. Ele está portanto radiante por canalizar a favor da sua propaganda aquilo que, no espírito do Santo Padre, é uma missão de graça e de caridade.

Penso neste momento nesses católicos portugueses - e eles são numerosos - que combatam em Portugal em nome do espírito conciliar que as autoridades que se dizem católicas ignoram ou achincalham. Penso nos padres e leigos presos, nos padres e leigos torturados. O Papa não ignora nada disto. E é por isso que eu espero que, tendo escolhido lá ir, passando acima por cima da dor que causava o anúncio da sua ida a todos os que sofrem perseguição em nome da justiça, ele falará no espírito do Evangelho. O Papa sabe que, no ano passado por esta altura, o Cardeal de Lisboa recusou celebrar o "Te Deum" que Salazar lhe pedia para o quadragésimo aniversário da sua ditadura. O Papa sabe que, no ano anterior, cento e uma personalidades católicas assinaram uma carta que denunciava a política colonial de Salazar. O Papa sabe que, nestes últimos dias, a repressão contra organizações liberais como a Pragma se agravou. O Papa sabe que há no mundo milhões de católicos que levaram o Concílio a sério e que, tanto a propósito de Portugal como de Espanha, estão decididos a nunca mais merecerem a terrível censura de pertencerem a uma Igreja que reclama a liberdade quando é oprimida e que ajuda a aboli-la quando é favorecida pelo poder.

REACÇÕES PORTUGUESAS

(F. Ramos da Costa, em "Le Monde", 13/5/67)

Os democratas portugueses, católicos ou não, sentem mais dolorosamente que ninguém a decisão do Vaticano. Enquanto Salazar faz uma guerra cruel em Angola, Moçambique e Guiné, Paulo VI diz que irá Fátima rezar pela paz e cita expressamente o caso do Vietnam. Se se calar sobre as colónias portuguesas, não se deixará de concluir que ele condena a guerra do Vietnam, mas aprova tácitamente que as que os exércitos de Salazar fazem em África. Percebe-se assim que os movimentos para a libertação das colónias portuguesas tenham reagido com a maior vivacidade ao anúncio da viagem.

Mas há uma outra vítima da guerra colonial de Salazar: o próprio povo português. Desde o início da guerra de Angola, o custo da vida não parou de aumentar; a censura tornou-se mais severa; a repressão policial mais dura. A juventude vê-se chamada a fazer uma guerra injusta e sem sentido, pela necessidade da guerra, pode-se estar agora na quarta fase na vida militar. A propaganda salazarista diz que, no que diz respeito à África, todos os portugueses estão de acordo. Isso é falso. Há quarenta anos que o povo português é informado e doutrinado tendenciosamente nos erros de um fascismo sui generis. É inevitável que fique alguma coisa destas mentiras...

Neste momento tudo se passa em Portugal como se, no caso da França, a O.A.S. tivesse tomado o poder. Basta isto para mostrar como o combate dos democratas portugueses é difícil.

Orá é este outro combate pela justiça, pela paz, que torna ainda mais difícil a viagem do Papa. Há quem se esforce por abrir os olhos a este povo mal informado, a este povo enganado. O proveito político que o governo não deixará de tirar da viagem, vai consolidá-lo. Mesmo se o governo português quisesse ser bom jogador e não tirar nenhuma vantagem, a simples presença de Paulo VI em Fátima seria politicamente prejudicial para a paz e para a democracia. Basta que os jornais tenham títulos, como o fazem já, com toda a aparência de objectividade: "Pela primeira vez na nossa história, um Papa vem a Portugal". Ninguém em Portugal terá o direito de interpretar de uma maneira exacta as palavras que o Papa dirá.

A presença de Paulo VI na Índia, que foi denunciada pelo ministro dos negócios estrangeiros, Franco Nogueira, como uma "afrenta gratuita, inútil e injusta para com Portugal", não podia significar uma aprovação do governo da Índia, porque este

(continua na p. 11)

A VINGENÇA DO PAPEL A FÁTIMA - UM NOVO PELO A PAZ

A este título, "Il nostro tempo", semanário católico de Turim, de 14/5/67, acrescenta os seguintes subtítulos:

"Portugal é um país que se proclamou católico, mas mete na prisão os padres e os jovens que pedem liberdade de pensamento e respeito pela dignidade humana - O governo de Salazar censura as encíclicas do Papa que têm carácter social e soam como condenação da ditadura e do colonialismo - Manda os seus soldados combaterem em Angola e massacrarem as populações que pedem a independência - Com o seu gesto, Paulo VI quer afirmar em Fátima, lugar de peregrinação, que a religião de Cristo exige paz para todo o mundo, liberdade para todos, fraternidade entre os homens".

PAULO VI EM PEREGRINAÇÃO

(André Vimeux, em "Témoignage Chrétien", 11/5/67)

Poderá Paulo VI intervir publicamente a favor das populações dominadas pelo colonialismo português? Senão, de que suspeição não seria manchado, para estas populações africanas, o testemunho - que é no entanto inequívoco - dado por Paulo VI, nomeadamente na sua recente encíclica a favor dos povos subdesenvolvidos?

É uma partida perigosa a que o Papa vai jogar, na qual os riscos são pelo menos tão numerosos como as vantagens.

OS DOIS SEGREDOS DA PAZ

(pe.R.Laurentin, em "Le Figaro", 15/5/67)

No avião, o redactor do quotidiano comunista "Paese Sera" fez-lhe esta pergunta:

-Santó Padre, rezará também pelos povos oprimidos de Angola e Moçambique?

-Por todos, respondeu o Papa.

Eu ou i estas palavras como um ato da fórmula que a sua presença por si só me impunha.

Na mesma linha, esta frase da sua homilia durante a missa:

-Nós não queremos excluir ninguém.

Esta intenção situa Paulo VI acima das políticas e dos particularismos em que alguns temeram vê-lo comprometer-se, onde outros quiseram comprometê-lo, à direita ou à esquerda.

Isto pode decepcionar os que esperavam gestos de choque, notícias inéditas, revelações. Paulo VI não falou do segredo de Fátima, nem da "conversão da Rússia", nem de Angola e de Moçambique, nem do Bispo do Porto exilado em Lourdes por ter tomado, "avant la lettre", as orientações fundamentais da encíclica Popularum progressio. A preocupação de não dar o flanco a nenhuma polémica deu aos discursos deste dia (houve sete) colorações cinzentas e por vezes convencionais.

("Le Monde", 16/5/67)

O Papa aproveitou esta deslocação para insistir com uma força especial num duplo perigo: por um lado, o poder de desagregação de certas ideologias cristãs novas que conspiram contra a "consistência tradicional" dos grandes mestres em teologia; por outro, a loucura destrutiva de uma humanidade que "está cheia de armas terrivelmente criminosas" e que parece ter entrado na terrível engrenagem da violência. É uma mensagem de inquietação, mesmo de angústia, que é lançada assim de uma terra de velha cristandade, perante um vasto auditório de fieis tradicionais.

É certo que foram tomadas múltiplas precauções para que esta peregrinação se situasse num plano unicamente religioso e que foi feito o máximo para que ela não pudesse ser interpretada como uma fiança do regime português, mas para a compreender convenientemente é preciso ter-se estado atento a certos silêncios e à sobriedade dos actos protocolares. Porque não apareceram nunca reservas explícitas. Nem uma palavra - mesmo veiculada - na boca do autor da encíclica Populorum progressio contra o colonialismo impenitente duma nação que devia dar o exemplo precisamente pelos seus laços oficiais com a Igreja. Nem uma alusão - mesmo subtil - às violações da liberdade de que são vítimas tantos portugueses, padres ou leigos.

O Papa não só se calou neste ponto, mas lamentou unilateralmente - na tradução oficial do seu discurso que foi entregue à imprensa - os atentados à liberdade civil e religiosa de que se tornam culpados os países "onde a negação de Deus é apresentada como representativa da verdade dos tempos modernos.

Dito isto, é abusivo criticar Paulo VI por ter ido ao local do santuário de Fátima (quando ele tinha precisado com rigor, num documento especial, os limites exactos do culto mariano) e mesmo a sua presença em Portugal. Não dependeu do Papa que esta viagem fosse precedida por outra, desejada, à Polónia. Fátima não é senão um elo numa cadeia de deslocações sobre a qual só se poderá fazer um juízo justo no fim do pontificado. Responsável pela unidade católica numa época excepcionalmente difícil em que aumenta perigosamente a distância entre conservadores e inovadores, um Papa deve ser mais que nunca o homem de todos e está no seu lugar em toda a parte onde a sua presença é desejada.

16
DEUS MILHÕES DE PESSOAS OUDEM A MENSAGEM DO PAPA NO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

(Robert C. Toth, em "New Herald Tribune", 15/5/67)

De passagem, ele rezou pelas nações onde a liberdade religiosa é suprimida, pedindo a Deus para ajudar estes povos, até que lhes volte a ser dada a "verdadeira liberdade civil". Não falou de liberdade política, que não existe aqui em Portugal.

(Michel Legris, em "Le Monde", 14 e 15 de Maio de 1967)

Fátima, 13 de Maio - As autoridades religiosas não cessarem de repetir que a viagem do Papa Paulo VI a Fátima não reveste senão um carácter puramente religioso e não tem nenhuma significação política. A deslocação e a breve estadia do Papa passam, no entanto, ter sido organizadas de modo a responderem antecipadamente às críticas de uns e a evitarem ofender as susceptibilidades de outros, quer fizer, das autoridades portuguesas.

A TRISTE VERDADE SOBRE PORTUGAL REVELADA PELA VIAGEM DE PAULO VI

(Lamberto Furno, em "Il nostro tempo", 4/6/67)

Com todo o respeito pelo povo português e pela própria razão de ser desta homenagem, creio que os católicos devem denunciar com força (que é também caridade) o estado de atraso civil e humano que a ditadura criou em Portugal e nas colónias, apresentando-se como paladina de Cristo. Trata-se verdadeiramente de uma vergonha - para falar com clareza - que é directamente atingida pelas condenações e pelas advertências da Populorum progressio, apesar de Fátima.

(Douglas Brown, em "The Daily Telegraph", 15/5/67)

Na esfera puramente religiosa, o Papa deu um certo conforto a uma hierarquia católica que vê com uma certa desconfiança a mudança de perspectivas em Roma, inspirada pelo seu predecessor e pelo Concílio do Vaticano.

REACÇÕES PORTUGUESAS (continuaçãõ)

não é católico. Mas o governo português é católico, como Tar-
tufo, Portugal tem o título de "Nação fidelíssima", Salazar
considera-se o grande campeão do Ocidente e do Cristianismo.
Ele pretende defender em África os valores cristãos e acusa
os outros governos ocidentais de desprezarem esta grande
causa. Ultimamente, desde João XXIII, as declarações deste
tipo saavam cada vez mais a falso e faltava-lhes caução. Ago-
ra e las vão tê-la. De há dez anos para cá, é a maior vitó-
ria diplomática de Salazar. Foi difícil e longo obtê-la, mas
ela compensa muitas derrotas.

Mesmo que o Papa tivesse todo o cuidado com as suas pa-
lavras, os defensores do regime fariam entender que, sendo
o mundo o que é, o Papa não podia ir mais longe e que, para
bem entender, meia palavra basta.

Indo a Fátima, onde estarão também os promotores da guerra
colonial, os carcereiros de tantos portugueses, os responsá-
veis do assassinato do general Delgado, do exílio do Bispo
do Porto, D. António Ferreira Gomes, e ainda os altos digna-
tários que não se movem perante a reclusão de dez padres
africanos nas suas igrejas ou seminários, só haveria para o
Papa uma maneira de não caucionar Salazar. Seria avançar
francamente na linha dos encíclicas Pacem in terris e Popu-
lorum progressio: confirmar a boa nova da descolonização;
condenar claramente a guerra colonial em Angola, em Moçambi-
que e na Guiné; reprovár, uma vez mais, no local mais adequa-
do, o totalitarismo, a injustiça social e a repressão social.

NÚMEROS ANTERIORES DE "DIREITO À INFORMAÇÃO"

- 1963 - 1) A consciência cristã perante a guerra de Angola
1964 - 2) A miséria merecida em Portugal
3) Novos documentos sobre a guerra em África
1965 - 4) A viagem do Papa a Bombaim
5) A luta estudantil por uma Universidade livre
6) Mecanismos da censura à Imprensa
1966 - 7) Os católicos e as eleições de 1965
8) A Igreja comprometida com o regime
9) O assassinio de Humberto Delgado: a justiça espanhola
incrimina agentes do PIDE
1967 - 10) Relato dos acontecimentos de Angola

AQUELES QUE VÃO A FÁTIMA

(de uma carta de um padre português, em "Informations Catholiques Internationales", 15/5/67)

Foram a Portugal para as cerimónias de Fátima. Ouviram, pelo menos, falar do assunto.(...)

Descobriram uma Igreja virada para um passado glorioso mas longínquo, quando ela foi a pioneira da evangelização dos novos mundos. Uma Igreja que olha ainda, com uma certa pena, para essa época passada que tenta ainda ressuscitar. Uma Igreja que conserva a recordação dolorosa de um governo republicano que lhe recusava a paz e a liberdade: é por isso que está tão contente com o presente, este presente que dura há quarenta anos, celebrado, tantas vezes e em muitas catedrais, com "Te Deum" a mais. Uma Igreja ao ar livre, que goza hoje da ordem e da paz. Talvez a paz dos cemitérios, a ordem dos carneiros de Panúrgio. Uma paz que a ofusca e a impede de ver os que não têm paz:(...)

Era preciso que tivessem visto, ao mesmo tempo, um governo que reconhece e louva uma religiõzinha "inocente", feita de procissões e de inaugurações e de piedade individual que ajuda as pessoas a tornarem-se mais submissas, a aceitarem melhor as dificuldades da condição presente na expectativa do céu. Um governo que escolhe o que lhe convém, mesmo na doutrina dos papas, que deseja a presença de Paulo VI em Fátima, mas que censura os seus actos e as suas palavras.(...)

Eu temo que cheguem à conclusão de que este nacionalismo cristão, este angelismo ritualista, este catolicismo de domingos e de milagres, bem explorado por uma ditadura hábil que o mobilizou ao serviço da sua política, não seja mais que uma máquina para alienar homens... Compreenderão então melhor porque é que os intelectuais se afastam dele e se lhe opõem, porque é que os jovens cristãos insatisfeitos estão em crise de fé e de obediência, porque é que os operários o desprezam ou o detestam. (...)

E se forem mais do que turistas apressados que se contentam com fotografias e com ideias simplistas, sofram com os nossos despedaçamentos e peçam, para nós todos que temos o coração em luta com o desespero, a grande coragem dos momentos difíceis.

Por mais paradoxal que isto possa parecer, a Igreja de Fátima é também uma Igreja do silêncio. Silêncio sobre a miséria dos pobres. Silêncio sobre as guerras de África. Silêncio sobre muitas outras revoltas que rugem.

